

## A GRAMÁTICA LATINA NO SÉC. XVI

### AS «PARTÈS ORATIONIS» NA GRAMÁTICA DO P.<sup>E</sup> MANUEL ÁLVARES (1572) E NA MINERVA DE SANCTIUS (1587) \*

O. A «Gramática Latina» do jesuíta P.<sup>e</sup> Manuel Álvares<sup>1</sup>, impressa em Lisboa em 1572, “no mesmo ano da 1.<sup>a</sup> edição de *Os Lusíadas*”<sup>2</sup>, foi uma das gramáticas latinas mais difundidas e mais profusamente editadas em todo o mundo<sup>3</sup>. Tal sucesso deve-se, na minha opinião, à conjugação, na mesma obra, de dois tipos de gramática, embora com pesos diferentes: a **gramática do *usus***, tendo em atenção o latim usado nos colégios da Ordem e na Universidade (o latim não era, há muitos séculos, uma língua de comunicação, mas a língua de cultura) e a **gramática das *rationes***<sup>4</sup>,

---

\* Este artigo é a minha modesta homenagem ao Homem, Mestre e Amigo que é o Prof. Óscar Lopes. Do muito que aprendi com ele quero pôr em destaque o rigor científico no estudo de todo e qualquer assunto, mesmo dos mais simples factos linguísticos, e a honestidade intelectual.

Quero agradecer à Prof. Fátima Oliveira a leitura que fez deste artigo e as sugestões oportunas que me fez e registei, particularmente no que refere à teoria do significado (Bloomfield), à temática dos predicados (Jackendoff) e ao nome próprio.

<sup>1</sup> ÁLVARES, Manuel [Emmanuelis Alvari] — *De Institutione Grammatica Libri Tres*. Olyssipone. Excudebat Ioannes Barrerius Typographus Regis, M.D.LXXII. [1572]. *GRAMÁTICA LATINA*. Fac-Simile da Edição de 1572. Com Introdução do Dr. J. Pereira da Costa. Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1972. Sirvo-me desta última edição.

<sup>2</sup> Cf. *Gramática Latina*, op. cit., Introd. p. XIII.

<sup>3</sup> O P.<sup>e</sup> Emilio Springhetti, no estudo *Gloria e Fortuna della Grammatica di Emmanuel Alvares*, in “Humanitas” (volumes XIII e XIV), indica, baseado em Sommervogel, 530 edições em 22 países, “incluindo o México, a China e o Japão, fora da Europa (...) Na Itália, contaram-se [mais de] 100 edições, na Bélgica, 73, na Checoslováquia, 71, Polónia, com igual número e Portugal, 25”. Cf. op. cit., p. XV.

<sup>4</sup> Sublinhados meus. Cf. LOZANO GUILLÉN, Carmen: *La aportación gramatical renacentista a la luz de la tradición*. Universidad de Valladolid, 1992, pp. 33 e seg.

isto é, uma gramática (descritiva) com finalidade didáctica, ainda que sob o peso do método formal<sup>5</sup>; e, em parte, uma gramática racional, fundamentada na filosofia que investiga “os princípios reguladores, os *vera principia*, capazes de sustentar toda a gama de construções reunidas nos textos”<sup>6</sup>. Tal como o propôs Scaliger no seu *De Causis*<sup>7</sup> (1540) e o pôs em prática Sanctius na *Minerva*<sup>8</sup> (1587), a gramática do séc. XVI, ainda e por excelência a «gramática latina», estabelece um compromisso e faz como que a síntese entre o **usus** e a **ratio**, critérios necessários para sustentar cientificamente toda a doutrina gramatical. Estes critérios são a tentativa, julgo que bem conseguida, de estabelecer um equilíbrio entre a teoria especulativa dos modistas e o labor filológico dos gramáticos do séc. XV. Anote-se que a gramática, propriamente dita, “limita o seu campo de estudo a um objecto estritamente linguístico”<sup>9</sup>.

O P.<sup>o</sup> Manuel Álvares, mais didáctico que racionalista, elabora a sua gramática tendo presente o **usus**, mas um **usus** sujeito a uma **ratio**. Não há experiência sem razão, ou seja, o que a razão não admite não pode ser usado<sup>10</sup>. Mantendo-se fiel à tradição latina, mais do que à gramática renascentista (embora não esteja longe de Despauterius), a «Gramática Latina» representa um grande esforço de simplificação dos métodos e procura, como o afirma Jean-Claude Chevalier, “desenhar grandes traços”, na antecipação do que viria a ser preocupação de Port-Royal: “simplifier sans

<sup>5</sup> Cf. CHEVALIER, Jean-Claude — *Histoire de la Syntaxe. Naissance de la Notion de Complément dans la Grammaire Française (1530-1750)*, Genève, Librairie Droz, 1968, p. 342.

<sup>6</sup> Cf. LOZANO GUILLÉN, Carmen — *op. cit.*, p. 49.

<sup>7</sup> SCALIGER, J.-C. — *De causis linguae latinae*. [Lyon], 1540.

<sup>8</sup> SANCTIUS, Franciscus [Francisco Sanchez de las Brozas] — *Minerva seu de causis linguae latinae*. Salamanca, 1587. Na leitura que faço da *Minerva*, sigo a seguinte edição: SANCHEZ DE LAS BROZAS, FRANCISCO «El Brocense» — *Minerva*. Introducción y traducción por Fernando Riveras Cárdenas, Madrid, Ed. Cátedra, 1976.

Convém não esquecer P. RAMUS que nas suas *Scholae Grammaticae* mostra não ser suficiente o **usus**, sendo que todos os factos gramaticais devem ser esclarecidos com o auxílio das “logicae leges”, que são garantia de rigor. Cf. LOZANO GUILLÉN, Carmen — *op. cit.*, p. 49; cf. também CHEVALIER, Jean-Claude — *op. cit.*, pp. 247 e seg.

<sup>9</sup> Cf. LOZANO GUILLÉN, Carmen — *op. cit.*, pp. 39 e seg.

<sup>10</sup> A gramática (latina) do séc. XVI pretende ser — e é — uma gramática do **usus** sujeito a uma **ratio**. MANUEL ÁLVARES baseia-se neste princípio, mas será SANCTIUS que o assumirá como dogma ao elaborar a *Minerva*, fazendo das «causae» a chave de toda a obra. Cf. *Minerva*, *op. cit.*, Introd., p. 16.

bouleverser”<sup>11</sup>. O sucesso e multiplicidade das edições desta gramática, ao longo de cerca de três séculos, está, sem dúvida, no carácter didáctico, apresentado de modo racional, com que estuda e descreve a língua latina. E neste aspecto ultrapassa Francisco Sanchez de las Brozas, «o Brocense», muito mais racionalista e, quiçá, menos didáctico, até pelo tom polémico que imprimiu à *Minerva*<sup>12</sup>.

1.0. Neste pequeno estudo pretendo apenas debruçar-me sobre as «partes orationis», as chamadas partes da oração ou partes do discurso. As «partes orationis», já visualizadas por Aristóteles, que chega à noção de Nome, Verbo e Logos<sup>13</sup>, são estudadas mais profundamente pelos gramáticos da escola de Alexandria, de que é pioneiro Aristarco, e de modo particular pelos seus continuadores Dionísio de Trácia (séc. I A.C.), que apresenta a primeira classificação sistemática e especificamente de natureza gramatical: nome, verbo, participio, artigo, pronome, preposição,

---

<sup>11</sup> Cf. CHEVALIER, Jean-Claude — *op. cit.*, pp. 342-343, onde se pode ler o seguinte: “Si Scioppius, avant d’aduler Sanctius, envoie un coup de chapeau à Alvarez, c’est sans doute en pensant à ces efforts de simplification”. O *de Institutione grammatica* merece de CHEVALIER duas páginas de referência na *Histoire de la Syntaxe* (p. 342-343), para além de uma ou outra citação (por ex. na p. 488). Embora considerando que a Gramática de Manuel Álvares “est importante parce qu’elle a été utilisée par de nombreux colléges jésuites, soit sous sa forme originale soit dans des adaptations — les élèves parlent souvent d’Emmanuel dans les dialogues — et parce qu’elle a passé pour révolutionnaire”, e lhe reconheça méritos, particularmente na procura da simplicidade, CHEVALIER cai num tremendo equívoco ao considerar que “On aurait pu opposer aussi à la *Minerva* la grammaire d’Alvarez, de *Institutione grammatica*. (...) On ne l’a pas fait parce qu’elle est postérieure à la grammaire de Sanctius (1593)”. O *de Institutione grammatica* é publicada em 1572 (e não em 1593), quinze anos antes da *Minerva*!

<sup>12</sup> Estou convencido que o menor número de edições da *Minerva* (18 ao todo, inventariadas por F. RIVERAS CÁRDENAS) se deve, precisamente, ao carácter, considerado como «rigorosamente científico», da sua obra, o que a leva a ser adoptada nas universidades europeias da época e ainda durante o séc. XVII. Por outro lado, convém lembrar que FRANCISCO SANCHEZ teve problemas com a Inquisição, o que poderá ter posto restrições à sua edição.

<sup>13</sup> PLATÃO chega à noção de que há “duas classes gerais de partes do logos, cuja compatibilidade faz um sentido mínimo, o *onoma* e *rhema*.” Aristóteles, não sendo ainda um gramático, no sentido próprio do termo (“Aristóteles não fez nem ciência da linguagem nem gramática”), introduz nos estudos gramaticais a ideia de *diferenciação conceptual*, que ao longo de toda a história da gramática ocidental se vai reflectir em distinções e dicotomias sucessivas em todos os níveis de análise da linguagem. Se no *De Interpretatione* considera “onoma”, “rhema” e “logos” como partes da “lexis”, na *Poetica* faz uma análise dos elementos linguísticos que ultrapassa já o campo da lógica e considera os fenómenos relevantes para a literatura: “As partes da lexis [no seu conjunto] são: letra, sílaba, ligadura, nome, verbo, articulação, flexão, discurso ...”. Cf. AGUD, Ana — *Historia y Teoría de los Casos*. Madrid, Editorial Gredos, 1980, pp. 52-53.

advérbio e conjunção<sup>14</sup>; e Apolónio Díscolo (séc. II D.C.). No período latino, Varrão, Quintiliano e, já no fim deste período, Donato e Prisciano fixam, de um modo quase definitivo e assim permanecendo ao longo de toda a história da gramática ocidental, a distribuição ou divisão e a classificação das palavras em classes morfo-sintáticas. Santo Agostinho<sup>15</sup> apresenta também uma teoria, de base aristotélica, sobre as partes da oração<sup>16</sup>.

Varrão, num primeiro momento, diz que as partes da oração são duas, acabando por fixar quatro partes<sup>17</sup> tomando como base um critério morfológico: 1. palavras que têm casos; 2. palavras que têm tempo; 3. palavras que têm casos e tempos; 4. palavras que não têm casos nem tempos<sup>18</sup>. Aristarco estabelece oito partes, mas Quintiliano, que cita aquele, indica onze partes da oração. Donato, na *Ars Grammatica*, e Prisciano, nas *Institutiones*, tal como o faz Santo Agostinho, dividem as palavras em classes e sub-classes partindo de um critério lógico e funcional<sup>19</sup>: nas primeiras havia o nome, o verbo e a partícula e cada uma destas classes dividia-se, por sua vez, em sub-classes; por exemplo, o nome incluía o substantivo e o adjectivo; a partícula, a preposição e a conjunção<sup>20</sup>. No seu todo, Donato e Prisciano, particularmente o primeiro, proõem oito classes.

### 1.1. Manuel Álvares divide as palavras em oito classes:

Partes orationis sunt octo, Nomen, Pronomen, Verbum, Participium, Praepositio, Aduerbum, Interiectio, Coniunctio<sup>21</sup>.

<sup>14</sup> Cf. *Minerva*, op. cit., Introd. p. 21, nota 44; cf. também AGUD, Ana — op. cit., pp. 64 e seg.

<sup>15</sup> SANTO AGOSTINHO viveu nos séc. IV e V (n. 354, m. 430).

<sup>16</sup> Cf. *Minerva*, Libro Primero, Capítulo II.

<sup>17</sup> *Idem*, Introd. p. 21.

<sup>18</sup> Cf. VARRÃO — *De lingua latina*, VIII. Sirvo-me desta obra na: Edición bilingüe. Introducción, traducción y notas de Manuel-Antonio Marcos Casquero, Madrid, Anthropos, 1990.

<sup>19</sup> Embora a gramática latina se tenha afastado da lógica e tenha estabelecido uma distinção clara entre o que é gramatical e o que pertence a outras áreas, nunca perdeu de vista os princípios lógicos e estes sempre têm estado presentes, especialmente na análise sintáctica com a bipartição da oração/frase em sujeito-predicado.

<sup>20</sup> Cf. *Minerva*, op. cit., Introd., p. 21. É este o critério (geral) utilizado pela Gramática de Port-Royal e seguido nos gramáticos racionalistas posteriores (séc. XVII e XVIII), particularmente por BEAUZÉE na sua *Grammaire Générale et Raisonnée*. JERÓNIMO SOARES BARBOSA, na *Gramática Filosófica*, adopta o mesmo critério.

<sup>21</sup> Cf. *Gramática Latina*, Fl. 47.

Mas estas «partes orationis» dividem-se em duas grandes classes morfológicas:

Harum quatuor, Nomen, Pronomen, Verbum, Participium, declinantur; reliquae, Praepositio, Aduerbium, Interiectio, Coniunctio declinationes sunt expertes<sup>22</sup>.

Esta primeira grande divisão, de natureza morfológica, leva a outras duas divisões nas palavras declináveis: a segunda divisão é feita em relação às palavras que podem ser declinadas ou pela vontade — um nome pressupõe outro, como *Romulus, Romae*; ou pela natureza — a variação formal no interior da mesma palavra: *huius Romae, hanc Romam*<sup>23</sup>. Uma terceira divisão tem que ver com as palavras que são declinadas pela (sua) natureza, com base nos mesmos princípios de Varrão: 1. palavras que têm caso, mas não têm tempo (como *facilis, amabilis*); 2. palavras que têm tempo, mas não têm caso (como *docet, amat*); 3. palavras que têm caso e tempo (como *docens, faciens*); e 4. palavras (que chama “neutras”) que não têm caso nem tempo (como *docte*)<sup>24</sup>, o que corresponde à significação gramatical, lógica e funcional que cada uma das palavras tem na oração<sup>25</sup>. Se no número e respectivas designações Manuel Álvares segue de

<sup>22</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>23</sup> “Secunda diuisio est de his verbis, quae declinari possunt, quod alia sunt a voluntate, alia a natura. Voluntatem appello, cum vnusquis a nomine alio imponit, vt *Romulus, Romae*. Naturam dico, cum vniversi acceptum nomen ab eo, qui imponit, non requirimus quem admodum it velleit declinari, sed ipsi declinamus, vt *huius Romae, hanc Romam*”. Cf. *Gramatica Latina*, Fl. 48.

<sup>24</sup> “Tertia diuisio est, quae verba declinat a natura, ea diuiditur in partes quatuor, in vnam primam videlicet, quae habet casus, neque tempora habet, vt *docilis, facilis, & amabilis*. In alteram, quae tempora habet, neque casus, vt *docet, facit, amat*. In tertiam, quae utraque habet, vt *docens, faciens*. In quartam, quae neutra, vt *docte, & facete*.” *Idem, Ibidem.*

SANCTIUS transcreve (no *Libro Primero, Capitulo II*) os postulados de VARRÃO, criticando a sua inscontância: “de his Aristoteles duas partes orationis esse dicit; uocabula et uerba, ut *homo et ecus, et legit et currit* (...) quod ad partes singulas orationes, Leinceps dicam: *quarumuis, quoniam sunt diuisio plures, nunc ponam potissimum in quae diuiditur. Oratio secanda, ut natura, in quatuor partes: unam, quae habet casus* (...)”; e acrescenta (transcrevo da tradução espanhola): “pero éste dividió después la primera en provocablos (*prouocabula*), como *quis, vocablos, como scutum* «escudo», nombres, como *Romulus*, pronombres, como *hic* «éste». Y añade en seguida que los dos de en medio se llaman nombres y los primeros y los últimos artículos”. Cf. *Minerva, ibidem.*

<sup>25</sup> “Verborum declinantium genera sunt quatuor, Vnun quod tempora adsignificat, neque habet casus, vt *lego, legis*; Alterum, quod habet casus, neque tempora adsignificat, vt *lectio, lector*. Tertiam quod habet verumque & tempora & casus, vt *lego legens, lecturus*. Quartum quod neutrum habet, vt *ab lego lecte, lectissime*”. Cf. *Grammatica Latina, Ibidem.*

perto Aristarco, Diomedes e Donato (invocando estes dois explicitamente)<sup>26</sup>, já na justificação que apresenta utiliza os mesmos critérios de Varrão.

1.2. Sanctius, seguindo a doutrina clássica e baseado em critérios essencialmente lógicos, estabelece uma divisão tripartida, de carácter geral e aplicável a todas as línguas existentes, preanunciando o universalismo da gramática de Port-Royal: em primeiro lugar, a categoria de palavras que indica as entidades de tipo estático (o nome); em segundo lugar, a das entidades de tipo dinâmico (o verbo); e, em terceiro lugar, a categoria que indica os laços de união entre as proposições (a partícula)<sup>27</sup>. Trata-se, sem dúvida, de uma classificação racionalista, muito próxima das *categoriae* de Aristóteles e também dos estóicos<sup>28</sup>.

Nesta classificação, Sanctius não inclui o participio, o pronome e a interjeição. O participio inclui-se na classe do “nome adjectivo” (um outro tipo de nome face ao “nome substantivo”)<sup>29</sup>, embora haja uma certa hesitação quando assinala que o participio (activo) se une frequentemente ao verbo substantivo (ex.: *est apud Platonem Socrates dicens Critoni suo familiari*) e “se converte em nome sempre que não tem nenhum caso de verbo, como *virtutis amans*, a partir do qual se formam os comparativos e os superlativos”<sup>30</sup>.

Quanto ao pronome, este não constitui uma classe pois não se distingue do nome. “Se fosse diferente do nome — diz Sanctius — a sua natureza poderia explicar-se por meio de uma definição; mas não há nenhuma definição do nome nem pode descobrir-se alguma adequada e verdadeira; portanto, não existe pronome”<sup>31</sup>. Sendo assim, nome e pronome são uma só e mesma categoria. E o Brocense justifica a sua teoria afirmando que o pronome não substitui o nome uma vez que existe antes dele. O homem utilizava já os pronomes mesmo antes de conhecer os nomes para desig-

<sup>26</sup> “Nos octo iam olim a DIOMEDE, Donato aliisque viris doctis receptas amplexi sumus”. *Idem, Ibidem*.

<sup>27</sup> Cf. *Minerva*, Introd., p. 21; cf. também CHEVALIER, Jean-Claude — *op. cit.*, p. 345. Para este último, Sanctius estabelece uma partição binária de tipo aristotélico: “les prémices de l’analyse restent toutes sur le plan logique: l’assemblage du nom et du verbe répond à l’assemblage du sujet et du prédicat”. *Idem, ibidem*.

<sup>28</sup> SANCTIUS faz referência especial a PLUTARCO e S. AGOSTINHO (cf. *Minerva*, Introd., p. 21) e PLATÃO (*idem*, Libro Primero, Capítulo II).

<sup>29</sup> Cf. *Minerva*, Introd., p. 22.

<sup>30</sup> *Idem*, Libro Tercero, Capítulo X.

<sup>31</sup> *Idem*, Libro Primero, Capítulo II.

nar os seres e as coisas. Foram os nomes que vieram substituir a designação deíctica primitiva (os pronomes), embora por uma nomenclatura com um carácter muito mais complexo<sup>32</sup>. Num rasgo inovador, Sanctius propõe o termo *protonome* (primeiro nome) para substituir o pronome<sup>33</sup>. É, contudo, duvidoso afirmar a pré-existência dos pronomes face aos nomes.

A interjeição não é também uma parte da oração por se incluir primeiro na própria natureza da linguagem, o que parece ser uma referência à velha polémica acerca do convencional e do natural (é parte da oração só o que é convencional?). O que é natural — diz Sanctius — é comum a todos, como os gemidos; e os sinais de alegria são iguais entre todos<sup>34</sup>.

1.3. Como afirmei acima, o P.<sup>e</sup> Manuel Álvares apresenta uma classificação das «partes orationis» com uma base gramatical que radica na gramática do período latino após Varrão; Sanchez é mais filósofo, partindo de Platão e da lógica aristotélica. Embora não o conseguindo demonstrar suficientemente, parece-me haver uma certa contradição entre o conceito e definição que o próprio Sanctius apresenta de gramática ao definir o seu objecto de estudo (o objecto da gramática “consiste em saber distinguir o que é nome, o que é verbo e demais questões desta ordem”)<sup>35</sup> e a classificação das «partes orationis» utilizando critérios lógicos. Numa afirmação que merece ser discutida, Sanctius “chega a negar que seja tarefa do gramático o estudo das significações”<sup>36</sup>. Esta ideia é retomada por Bloomfield, na primeira metade do séc. XX<sup>37</sup>.

2.0. O estudo de cada uma das partes da oração é minucioso nas duas obras gramaticais e contém matéria de reflexão para trabalhos quer sobre aspectos morfológicos quer morfo-sintácticos. Debruço-me apenas sobre a classe dos nomes (substantivo e adjetivo) e do verbo.

<sup>32</sup> *Idem*, Introd., p. 22.

<sup>33</sup> *Idem*, *Ibidem* e Libro Primero, Capítulo II.

<sup>34</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>35</sup> *Idem*, Introd., p. 19 e Libro Primero, Capítulo II.

<sup>36</sup> *Idem*, Introd., p. 19. “significationes uero aduerbiorum enumerare magis philosophi est, quam grammatici, quia grammatici munus non est (teste Varrone) uocum significationes indagare, sed earum usum”. (cf. Nota 37 nesta página da *Minerva*).

<sup>37</sup> BLOOMFIELD, na sua obra *Language* (1933), diz ser impossível estudar o significado porque isso implicaria um conhecimento enciclopédico, isto é, seria necessário possuir um saber cientificamente exacto de tudo o que forma o universo do locutor, deixando, por isso, de lado esse estudo.

2.1. Para o P.<sup>e</sup> Manuel Álvares,

Nomen est pars orationis, quae casus habet neque tempora adsignificat, vt Mula, dominus<sup>38</sup>.

O Nome pode ainda ser de três espécies: próprio, apelativo e colectivo<sup>39</sup>. Esta classificação é feita pelo nosso gramático com base nos postulados de Varrão<sup>40</sup>. O estudo do nome próprio é interessante e merece-me aqui uma chamada de atenção. Referindo o que dizem os gramáticos, apoia-se sobretudo nos escritos de Varrão e Cícero para dizer que

Propria nomina [distribuunt grammatici] in quatuor partes Praenomen, Nomen, Cognomen, Agnomen (...) <sup>41</sup>.

De acordo com a função gramatical, a classe dos nomes tem duas categorias: a do substantivo e a do adjetivo:

Substantium nomen est, quod in oratione per se esse potest, vt Dux imperat, miles obtemperat.

Adiectium [nomen] est, quod in oratione esse non potest sine substantiuo aperte vel occulte. Aperte, vt Dux prudens, si strenuos milites, dictoque audientes habeat, facile hostes superabit. / Occulte, vt Quis tertiana laborant, non vescuntur bubula. Hoc est, tertiana febri, bubula carni <sup>42</sup>.

<sup>38</sup> Cf. *Gramatica Latina*, Fl. 48.

<sup>39</sup> *Idem, Ibidem*: “Nomen proprium est, quod res proprias atque certas significat, ut Romulus, Roma. / Appellatium est, quod res communes, atque incertas significat, vt Rex, oppidum. / Collectium est, quod numero singulari significat multitudinem, vt Populus, gens, turba”.

<sup>40</sup> “Varro solet nomina propria simpliciter Nomina appellare: appellatiua vero vocabula: item finita, haec infinita. Sequitur, inquit lib. I de Analog. de nominibus, quae differunt a vocabulis, ideo quod sunt finita, ac significant res proprias, vt Paris, Helena; cum vocabula sunt infinita, ac res communes designent, vt vir, mulier”. *Idem*, Fl. 49.

<sup>41</sup> Extraio esta pequena passagem do muito que diz M. ÁLVARES sobre o nome próprio: “(...) vt Publius Cornelius Scipio Africanus. Publius Praenomen propriumque est. Cornelius Nomen est gentilium, totique Cornelio familiae commune. Scipio Cognomen est haereditarium, nam id Publius ab auo suo accepit, qui Scipio cognominatus est, quod parenti caeco pro bacillo fuisset. Africanus Agnomen est, quod Publius sibi deuicta Carthagine peperit”. *Idem, Ibidem*. MANUEL ÁLVARES está muito mais interessado no modo como se forma um nome próprio do que no tipo de referência que opera. Esta distinção (que nada tem de semântico) ainda se encontra em Francês: Nom/Soares, Prénom/Mário e em Inglês, com sentido inverso: Name/Mário, Surname/Soares, tal como em Português: Nome/Mário, Sobrenome/Soares.

<sup>42</sup> *Idem, Ibidem*.



Esta teoria é retomada, cerca de duzentos anos depois, na Gramática Filosófica e mantém-se actual nas nossas gramáticas<sup>43</sup>.

Mas Manuel Álvares encontra ainda uma outra distinção entre nome substantivo e nome adjectivo:

Adiectiuum nomen vel habet tres formas, vt Bonus, bona, bonum; vel duas, vt Breuis, breue; vel unam, vt Prudens, felix<sup>44</sup>.

O nome adjectivo engloba várias espécies (*genera*) e nestas inclui os interrogativos e os relativos (que podem ser, uns e outros, de substância ou de acidente<sup>45</sup>), os reditivos (*redditiua*)<sup>46</sup>, os indefinidos, os possessivos, os partitivos, os numerais e, um tanto paradoxalmente, inclui nestas espécies o nome pátrio (*Patrium nomen*: Romanus, Atheniensis) e o nome gentilício (*Gentile nomen*: Italus, Gaecus)<sup>47</sup>.

2.1.1. O Brocense adopta um método descritivo semelhante, abordando em primeiro lugar o estudo morfológico dos nomes substantivo e adjectivo, passando depois ao seu funcionamento morfo-sintáctico<sup>48</sup>. Referindo que o nome adjectivo acompanha o nome substantivo (não dependendo este de nenhuma outra parte da oração quando no caso nomi-

---

<sup>43</sup> JERÓNIMO SOARES BARBOSA, na *Gramática Filosófica* (1822), explicita deste modo o substantivo: “um nome que exprime qualquer coisa como subsistente por si mesma, para poder ser sujeito da oração sem dependencia de outra”; e o adjectivo: “um nome que exprime uma coisa como accessoria de outra, para ser sempre o atributo de um sujeito claro ou occulto, sem o qual não pôde subsistir”. Cf. BARBOSA, Jerónimo Soares — *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica geral applicados à Nossa Linguagem*. Lisboa, Academia das Sciencias, 1822 [5.ª ed.: 1871, p. 80 e p. 95]

<sup>44</sup> Cf. *Gramatica Latina*, Fl. 49.

<sup>45</sup> *Idem*, Fl. 50. O relativo de substância (*Relatiuum substantiae est, quod nomen substantiuum in memoriam reducit, vt Qui, quae, quod. Lego Ciceronem, qui fuit eloquentissimus Romanorum*) e o relativo de acidente (*Relatiuum accidentis est, quod in memoriam reducit nomen adiectiuum, ut Quantus, qualis, quot. Cicero fuit eloquens, qualis fuit Hortensius*) têm pouco que ver com o pronome [relativo] explicativo e restrictivo que a *Gramática Filosófica* trata com um certo cuidado.

<sup>46</sup> “*Redditiua sunt, tantus, talis, tot, totidem, quae relatiuis Quantus, Qualis, Quot ante vel post redduntur, vt Quales in republica principes sunt, tales reliqui solent esse ciues. Cura vt talis sis, qualis haberi cupis. Quot homines tot sententiae. Totidem ad te litteras dedi, quot tu ad me*”. Cf. *Gramatica latina*, Fl. 50.

Notando-se embora alguma confusão de critérios, parece que os relativos e mais particularmente os reditivos, englobando nestes alguns relativos, são tidos como anafóricos.

<sup>47</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>48</sup> Cf. *Minerva*, op. cit., Introd. p. 23 e Libro Segundo, Capítulo VIII.

nativo), distingue-os também pelo género (masculino ou feminino), uma vez que o adjetivo não tem género, mas apenas “terminações que se correspondem com os géneros dos nomes que acompanham”<sup>49</sup>.

Manuel Álvares é mais analítico e aborda com maior riqueza de pormenores o estudo do nome adjetivo. É, contudo, mais conservador quanto ao género dos nomes considerando os géneros masculino, feminino e neutro, mas também o *commune*, *omne* e o *promiscuum*<sup>50</sup>, que os primeiros gramáticos do Latim reconheciam para distinguir o género do sexo<sup>51</sup>, ao passo que Sanctius apenas admite o masculino e o feminino, seguindo as teorias de Platão e Aristóteles<sup>52</sup>.

Álvares estuda, ao longo de onze fl., num discurso denso e nem sempre muito claro, o género dos nomes, discutindo as diferentes teorias que os gramáticos latinos tinham postulado, procurando ao mesmo tempo pôr uma certa ordem na confusão reinante. Sanctius, mais objectivo, interpreta o latim pela consciência do seu tempo, tendo sempre presente no seu espírito a língua materna (o castelhano).

2.2. No estudo do verbo, Manuel Álvares diverge de Sanctius quando diz que

Verbum est pars orationis, quae modos et tempora habet, neque in casus declinatur<sup>53</sup>.

Sanctius considera o verbo

Vox particeps numeri personalis cum tempore<sup>54</sup>.

Enquanto Álvares faz do tempo e modo os traços gramaticais distintivos do verbo, em relação às outras classes de palavras englobadas na classe de palavras que são declinadas pela sua natureza, o Brocense distingue o verbo pela significação gramatical de pessoa e tempo<sup>55</sup>. Para

<sup>49</sup> *Idem*, Introd., p. 23 e Libro Primero, Capítulo VII. Sanctius, quando diz que os adjecyivos não têm género mas só terminações, está implicitamente a confundir morfologia com semântica.

<sup>50</sup> Cf. *Gramatica latina*, Fl. 62.

<sup>51</sup> Cf. *Minerva.*, Introd., pp. 23-24.

<sup>52</sup> *Idem*, *Ibidem* e Libro Primero, Capítulo VII.

<sup>53</sup> Cf. *Gramática Latina*, Fl. 53.

<sup>54</sup> Cf. *Minerva*, Libro Primero, Capítulo XII e Introd., p. 26.

<sup>55</sup> *Idem*, Introd., p. 26.

este, o modo não é um atributo do verbo, sendo realizado pelos advérbios e pelos complementos circunstanciais. A razão está na impossibilidade de a “explicação não se poder apoiar em causas inerentes à própria natureza verbal”<sup>56</sup>.

A recusa de Sanctius em considerar o modo como uma das significações gramaticais próprias do verbo é confusa e, na minha opinião, pouco consistente, uma vez que, nas razões que aduz, confunde o formal com o significativo e diz não encontrar nos gramáticos anteriores doutrina comum e segura<sup>57</sup>. (Hoje continuamos a discutir o conjuntivo!)

Há ainda a assinalar outras diferenças. Em primeiro lugar, Sanctius rejeita a classificação de “verbos impessoais”<sup>58</sup>, mesmo para os verbos erradamente considerados, pelos gramáticos, “de natureza”, porque mesmo esses têm “um sujeito de significação cognata”, como *pluuit pluuiam, fulget fulgur, lucescit lux*, etc., que “formam a oração inteira”, sendo “também lícito dizer outra coisa como sujeito característico: *Deus pluit* (Deus chove) e *pluunt lapides* (chovem pedras)”<sup>59</sup>. Do mesmo modo, considera não impessoais verbos como *miseret* (compadecer-se), *taedet* (desagradar), *poenitet* (arrepender-se) porque têm um nominativo cognato que está elidido<sup>60</sup>. *Poenitet*, por exemplo, não pode ser considerado ao mesmo nível de *lucescit*, pois são verbos cuja significação lexical (diferente) determina estruturas de subcategorização diversas. Esta teoria é

<sup>56</sup> *Idem*, *Ibidem*, pp. 26-27.

<sup>57</sup> *Idem*, Libro Primero, Capítulo XIII: “(...) la turba de los gramáticos, que tan variados son al establecer los modos, que no nos dejaron nada seguro; unos los llaman modos, otros divisiones, quienes cualidades y quienes estados, además, unos tuvieron seis modos, otros ocho, algunos cinco, e incluso solamente cuatro, rechazado el infinitivo; hay quienes añaden el deprecativo, como *Musa mihi causas memora* (...)”.

<sup>58</sup> MANUEL ÁLVARES estabelece uma primeira divisão entre verbos pessoais e impessoais: “Verbum duplex est, Personale, et Impersonale. / Personale est, quod omnes personas utriusque numeri, habet, vt Amo, amas, amat. Pl. Amamus, amatis, amant. / Impersonale est, quod prima et secunda persona utriusque numeri, et tertia multitudinis fere priuatur, vnde et nomen trahit. Id duplex est, alterum Actiuae declinationes vt Pudet, poenitet; alterum Passiuae, vt Pugnatur, curritur”. Cf. *Gramatica Latina*, Fl. 53.

<sup>59</sup> Cf. *Minerva*, Libro Tercero, Capítulo I. Seria interessante contrastar a teoria de Sanctius com a teoria das funções temática de Jackendoff, segundo o qual há uma relação entre constituintes e categorias ontológicas. Cada constituinte sintáctico de uma frase (excluindo os que não têm conteúdo) é representado num constituinte conceptual. Cada categoria conceptual decompõe-se na estrutura função-argumento. — Cf. JACKENDOFF, R. S. — *Semantic interpretation in generative grammar*, Cambridge, Mass., M.I.T. Press, 1972; e, sobretudo, *Semantics and Cognition*, *Ibidem*, 1983.

<sup>60</sup> *Idem*, *Ibidem*.

interessante, mas revela, no entanto, uma confusão antiga (ainda hoje presente na chamada gramática tradicional) entre funções sintáticas e funções semânticas. E parece-me haver aqui alguma contradição por parte de Sanctius ao apoiar-se em critérios proposicionais. Álvares baseia-se num critério apenas morfológico (“Impersonalis verborum declinatio personae tertiae formam habet”), apoiado na doutrina de Varrão, Quintiliano e Donato<sup>61</sup>.

Em segundo lugar, os verbos pessoais apenas se subdividem em activos, passivos ou substantivos e não pertencem a outras espécies. Sanctius recusa qualquer outra divisão<sup>62</sup>. Para Manuel Álvares há cinco espécies ou tipos (*genera*) de verbos pessoais: activos, passivos, neutros, comuns e depoentes<sup>63</sup>. Os critérios utilizados pelo nosso gramático são morfológicos e têm a ver com a terminação grafemática da forma não marcada: primeira pessoa do presente do indicativo. Refere, contudo, que a terminação *-or* do verbo comum pode ter significação activa ou passiva, e o depoente significação activa ou neutra. O critério de Sanctius é semântico e não leva em conta a forma como o verbo aparece: *afficio* (castigar) é um verbo activo como *prosequor* (perseguir), pois são activos pela sua própria natureza<sup>64</sup>. Por outro lado, considera o verbo substantivo como “fundamento ou raiz de todos os verbos”, como é o caso de *sum*

<sup>61</sup> Cf. *Gramatica Latina*, Fl. 54.

<sup>62</sup> Cf. *Minerva*, Libro Tercero. Capítulo II. Cf. também CHEVALIER, Jean-Claude — *op. cit.*, pp. 336 e seg.

<sup>63</sup> “Verbum personale diuiditur in quinque genera, Actiuum, Passiuum, Neutrum, Commune, Deponens./ Passiuum est, quod syllaba, or, finitum actiuum fit, o litera abiecta, vt Amor, amo./ Neutrum est, quod, m vel, o, literis finitum ex se passiuum personale non gignit, vt Sum, Sto, Seruio, neque enim dicitur Stor, aut Seruior./ Commune est, quod, or, syllaba tantum finitum, actiui simul et passiui significationem habet, praecipue participium praeteriti temporis, et quae eius adminiculo supplentur, vt Depopulor, Complector./ Deponens est, quod, or, syllaba tantum finitum, actiui, vel neutri significationem habet, vt Sequor, vtor, morior”. Cf. *Gramatica latina*, Fl. 53.

<sup>64</sup> SANCTIUS, porque privilegia a *razão* e adopta um atitude filosófica, é radical na posição que toma e ironiza mesmo acerca dos gramáticos que dividem os verbos em múltiplas categorias tendo como critério as terminações e os acidentes: “Pero constantemente vuelven a esas absurdas gramáticas que inventan muchas clases de verbos. Y lo peor es que los dividen por las terminaciones en *-o* y *-or*, como si la naturaleza de los verbos se hubiera de indicar por las terminaciones y accidentes y no por la esencia misma”. E questiona se haverá alguma deferença entre *Afficio te iniuria* e *prosequor te iniuria* ou entre *Osculor te e basio te*. Cf. *Minerva*, Libro Tercero. Capítulo II; cf. também CHEVALIER, Jean-Claude — *op. cit.*, p. 337.

e *fio*<sup>65</sup>, ideia apropriada pela gramática, postulada pela Filosofia clássica e pela Lógica.

No aspecto morfo-sintáctico, o Brocense rejeita a construção intransitiva porque todo o verbo tem um complemento de objecto directo claro ou oculto, sendo tarefa do gramático descobrir o nome que está em falta<sup>66</sup>. E completa esta noção quando estuda, no último livro da *Minerva*, as “figuras de construção”, especialmente a elipse<sup>67</sup>. Manuel Álvares segue a tradição e descreve a construção intransitiva e transitiva, admitindo — tal como o faz Sanctius, seguindo aqui Prisciano — a construção transitiva do verbo neutro (*nec vox hominem sono* (Virg.))<sup>68</sup>.

Uma particularidade em Sanctius é a negação da existência do «agente» na voz passiva (em Ablativo ou Dativo), considerado como um complemento circunstancial<sup>69</sup>, o que não me parece de todo aceitável no

<sup>65</sup> Cf. *Minerva*, Livro III, Capítulo V. ARNAUD e LANCELOT, na *Grammaire Générale et Raisonnée* (1660) partem deste mesmo princípio ao afirmarem que o verbo é “*un mot dont le principal usage est de signifier l'affirmation*” e esta não é possível sem o verbo *être* «ser»: “il n’y a que le verbe *être*, qu’on appelle substantif, qui soit demeuré dans cette simplicité, et encore l’on peut dire qu’il n’y est proprement demeuré que dans la troisième personne du présent, *est*, et en certaines rencontres.” Cf. ARNAUD, Antoine; LANCELOT, Claude — *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal*. Avec una Introduction Historique par M. A. BAILLY, Genève, Slatkine Reprints, 1980. Cap. XIII.

Para os gramáticos do séc. XVIII, como DU MARSAIS (1729-1756), o verbo, além de exprimir a afirmação, tem a “signification de l’existence comme la propriété essentielle” (cf. DU MARSAIS — *Les Véritables Principes de Grammaire*, FAYARD, 1987); e BEAUZÉE (1767), que considera como carácter distintivo do verbo “l’idée de l’existence intellectuelle d’un sujet avec relation à un attribut” (Cf. BEAUZÉE — *Grammaire Générale ou exposition raisonnée* (...). Nouvelle impression facsimilé de l’édition de 1767. Stuttgart-Bad Cannstatt, 1974). J. SOARES BARBOSA (1822) retoma esta teoria dizendo que o verbo “exprime a *existencia* de uma qualidade ou attributo no sujeito da proposição”, mas tudo isto “não convém propriamente senão ao nosso verbo substantivo *ser*” (Cf. BARBOSA, Jerónimo Soares: *Gramática Filosófica*, op. cit.). Cf. esta temática em CARDOSO, Simão — *A Gramática Filosófica de Jerónimo Soares Barbosa (reflexos da Gramática Geral)*. Dissertação de Mestrado, Porto, Faculdade de Letras, 1986 (mm.).

<sup>66</sup> Cf. *Minerva*, Introd. p. 28.

<sup>67</sup> *Idem*. Libro Cuarto.

<sup>68</sup> *Idem*. Introd. p. 28 e Libro Tercero, Capítulo III.

<sup>69</sup> *Idem*, *Ibidem*. SANCTIUS justifica a sua tomada de posição afirmando que “el verbo pasivo no exige nada a no ser el sujeto”; e pela tradução que diz dever dar-se ao Ablativo da voz passiva: “*A* o *AB* (hablando em términos generales) en activa o pasiva significa *a parte* «de parte de» como *uentus flat ab Oriente* (...) Y cuando Tac. dijo: *trepidebatur a Caesare* «se apresuraban por orden de César» no significa que César se daba prisa, sino que lo hacían los soldados de César”. Cf. também CHEVALIER, Jean-Claude — op. cit., pp. 353-354.

Latim e mesmo no Castelhana dos finais do séc. XVI, tendo em conta que se trata de um complemento semântico.

Manuel Álvares atribui ainda aos verbos a designação de incoativos, perfectivos, meditativos, frequentativos e diminutivos <sup>70</sup>, segundo Varrão, mas seguindo também Diomedes e Donato. Esta classificação semântica, importante e pertinente, não é contemplada em Sanctius.

3.0. Esta leitura, forçosamente rápida e não completa, da Gramática Latina do P.<sup>e</sup> Manuel Álvares e da *Minerva* de Sanctius, mostra o carácter pedagógico da primeira face ao racionalismo, nem sempre muito inteligível, da *Minerva*. Fique, no entanto, claro que a *Minerva*, precisamente pelas «causae» que são a chave de toda a teoria que a enforma, teve um papel importante e determinante na construção das gramáticas (em sentido amplo) dos séc. XVII e XVIII, escritas nas respectivas línguas vernaculares, o que marcou decisiva e definitivamente a gramática e a linguística modernas.

A Gramática Latina do P.<sup>e</sup> Manuel Álvares permanece como uma referência pedagógica, mas também racional — se assim o posso afirmar — por um longo período. A sua teoria gramatical, embora muito criticada no séc. XVII e particularmente no séc. XVIII, neste último por razões de natureza religiosa e política — os oratorianos substituíam os jesuítas na Corte! — está imbuída pelas luzes do seu tempo e firmemente alicerçada na autoridade dos gramáticos latinos. E esta gramática espera por parte dos linguistas (e latinistas!) portugueses um estudo completo e aprofundado e, porque não, uma tradução actualizada, como Fernando Riveras Cárdenas o fez em relação à *Minerva*.

*Simão Cardoso*

---

<sup>70</sup> “Inchoatiuum verbum est, quod rem quidem inchoatam, sed ad finem perfectionem tendentem significat, vt Calesco, id est, Calidus fio, Frigesco, Frigidus fio. / Perfectum est, quod rem perfectam absolutamque significat, vt Caleo, Frigeo. / Meditatiuum verbum est, quod assiduam alicuius rei meditationem significat, vt Efurio, coenaturio, qui enim efurit, ac coenaturit, nihil aliud quam cibum, coenamque meditat. / Frequentatiuum, siue Iteratiuum est, quod rei frequentationem, iterationemque significat, vt Rogito, as, lectito, scriptito. / Diminutiuum est, vel potius diminutum est, quod minus, quam id a quo ortum est significat, vt Sorbillo, a Sorbeo”. Cf. *Gramatica Latina*, Fl. 54.

Estas divisões e subdivisões do verbo levam JEAN-CLAUDE CHEVALIER a considerar a Gramática de MANUEL ÁLVARES como “muito indigesta”, uma vez que “Elle subdivise à l’infini”; cf. CHEVALIER, Jean-Claude — *op. cit.*, pp. 342-343.